

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F20	--
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Terra Indígena Capivari
MUNICÍPIO / UF	Palmares do Sul/ RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	<i>Nhemongaraí</i>		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	<i>Nemboirã</i> ; ritual do batismo; ritual de nomeação; festa do milho verde;		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

437 – Preparando ralador de milho
439 – Mulher rala o <i>avati etei</i> (milho sagrado)
446 – <i>Tekoá Yryapu</i> preparo de <i>chipá</i>
471 – <i>Opy e guembé Tekoá Yryapu</i>
As referências das imagens relacionadas a este bem estão distribuídas ao longo do texto entre colchetes indicando seu número no Anexo 2: Registros Audiovisuais.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O <i>Nhemongaraí</i> é um ciclo ritual de nomeação que acompanha a sazonalidade da colheita do milho verde sagrado (<i>avati etei</i>), ocorrendo durante os meses de janeiro e fevereiro. Nele, a comunidade se mobiliza em torno à concentração do <i>Karaí</i> (líder religioso) que recebe dos deuses inspiração para nomear as crianças que começam a falar, o que acontece de forma geral em torno de um ano de idade. O ritual dura um quarto do ciclo lunar, concentrando famílias vindas de outras comunidades em torno às figuras dos <i>Karaí</i>, que desempenham o papel reconhecido como mais competente de <i>Nhemongaraí vae</i> (batizador). Nesses dias, a celebração sagrada noturna é complementada durante o dia por práticas lúdicas, brincadeiras das crianças, conversas dos adultos tratando desde temas cotidianos até os motivados pela mobilização étnica.
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

--

--

--

--

F20

--

O momento central do ritual do *Nhemongaraí* ocorre através de cânticos/rezas e danças realizadas coletivamente dentro do espaço sagrado da *Opy* [Ver em Localidade Reserva Indígena Inhcapetum a Ficha de Identificação F30.2 - Edificação: *Opy*], iniciando ao pôr-do-sol, quando os Mbyá (principalmente os das famílias das crianças a receberem nome), concentram-se no *oká* (pátio em frente à *Opy*) depois de um dia inteiro produzindo e alimentando-se da *tembiú Mbyá* (comida tradicional), reforçando a importância da culinária Guarani no alimentar o corpo e deixá-lo leve para a nutrição espiritual.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A aldeia *Tekoá Yryapu* está localizada na planície costeira central do Rio Grande do Sul, no extremo norte da península de mostardas entre a laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, às margens da Lagoa da Lavagem e Lagoa da Porteira. A *Tekoá* fica a dois quilômetros da sede do distrito e do povoado de Granja Vargas, ocupada por colonos não indígenas. O acesso à aldeia se faz através de estrada vicinal que interliga trevo da rodovia RST 101 até os balneários de Dunas Altas e de Quintão. Sua área reconhecida oficialmente compreende apenas 43 hectares de terra composta por solo arenoso, matas não muito densas e roças de milho, mandioca, abóboras e melancia. No entanto, a concepção Mbyá de “aldeia” abarca tanto as terras efetivamente ocupadas por suas moradias, por suas *kokué* (roças), por suas armadilhas, quanto um amplo ambiente circundante que se estende pelas orlas das lagoas e matos adjacentes.

É habitada por aproximadamente 30 pessoas, incluindo adultos e crianças (06 famílias)

A aldeia é composta por um conjunto de pouco mais de dez casas de madeira (construídas pelo Governo do Estado), algumas acompanhadas por casas tradicionais (*Oó*), distribuídas junto a um mato de eucalipto e de mata nativa na orla da Lagoa da Lavagem.

A distribuição das casas na aldeia segue uma linha, em continuação à estrada que lhe dá acesso. Os visitantes chegam junto às casas construídas pelo Estado, acabando a estrada num pátio em frente a um galpão, que segue o mesmo padrão construtivo das casas. Ao fundo, em direção à lagoa, fica situada a *Opy* e seu *oká* (pátio), ao lado da *Oó* (casa tradicional) onde reside o *karaí* Agostinho Duarte, *Nhemongaraí* *vaé* do ritual registrado em 2006.

Durante o *Nhemongaraí*, foi mantido um espaço reservado em torno ao fogo de chão mais próximo à casa do *karaí* e ao caminho da *Opy*, destinado a ele (que naqueles dias permaneceu especialmente concentrado e sozinho) e sua família.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

***Opy* (Casa de Reza):** Localizada dentro da *Tekoá Yryapu*, centro cerimonial e religioso dos Mbyá. Suas paredes são de coloração escura, reproduzindo a cor do barro do solo local.

***Oó* (Casa Tradicional):** Localizadas Dentro da *Tekoá Yryapu*, servindo de moradia para Agostinho e sua família.

Canais de drenagem entre lagoas da porteira e da lavagem e Casa de máquina e canal de irrigação em Granja Vargas: Localização: No distrito de Granja Vargas, Município de Palmares do Sul, tendo por coordenadas 30°20'00"S e 50°21'30"W. Características: Sistema de drenagem para irrigação de lavouras de Arroz em Granja Vargas, composto por canais de ligação entre a Lagoa da Porteira e a Lagoa da Lavagem e, na margem oposta da Lagoa da Lavagem, existência de Prédio de casa de máquinas para impulsão de água para canal de irrigação que cruza o povoado de Granja Vargas. Estes marcos edificadas interferem diretamente na vida dos Mbyá da *Tekoá Yryapu*, principalmente na interferência sonora constante do funcionamento das máquinas escutada na aldeia.

Lagoa da Lavagem

Lagoa da Porteira

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

--

--

--

--

F20

--

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

A primeira atividade para a preparação do *Nhemongaraí* na *Tekoá Yryapu* antecedeu a chegada dos Mbyá visitantes e constituiu na limpeza (por queimada) do mato de eucalipto próximo ao pátio central da aldeia, criando assim uma área de trânsito.

No pátio central era mantida acesa uma fogueira, que constitui-se no principal lócus de sociabilidade durante os dias do ritual. Era neste espaço que se produzia a *tembiú Mbyá* (comida tradicional Mbyá-Guarani), atividade que ocupava grande parte do dia. À noite, quando não estavam na *Opy* (casa de reza), era em volta ao fogo que permaneciam ouvindo as histórias dos *tujá* (velhos), dando muitas risadas, trocando vivências, ensinando aos mais jovens o modo de ser Guarani.

Contíguo ao pátio central, um galpão de madeira foi utilizado como despensa para os víveres e utensílios de cozinha (panelas, pratos, talheres), além de servir como alojamento de alguns Mbyá vindos de outras aldeias.

Na mata no entorno da Lagoa da Lavagem os Mbyá coletaram frutos do *guembé*, elemento ritual importante na nominação dos meninos e extraíam lenha para alimentar os fogos de chão.

6. TEMPO

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☒ DATA MÓVEL: Entre janeiro e fevereiro, na época de maturação do milho verde										
DURAÇÃO	DE 4 A 8 DE JANEIRO DE 2006										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA										
OCCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

7. HISTÓRIA**7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

O *Nhemongaraí* é uma cerimônia de fundamental importância do *nhande rekó* (nosso modo de ser), da tradição *Mbyá*, momento em que se confirma o *ñe'ê* (alma-palavra) de cada criança desde a idade que passa a falar, e também de adultos que se considera tenham recebido nomes errados em sua primeira nomeação.

Este ritual é fundamental porque permite garantir e/ou re-estabelecer a saúde dos indivíduos, dos seus familiares e das comunidades das quais eles fazem parte. A "alma-palavra" é a garantia de vida para cada um dos *Mbyá*, mas ela deve ser definida e celebrada coletivamente seguindo todos os preparativos rituais, composto de todos os elementos previstos na tradição religiosa do grupo. A mortalidade infantil, as doenças e a fraqueza das crianças são compreendidas como resultantes da pequena frequência com que esta prática ritual tem ocorrido na última década no Estado do Rio Grande do Sul. As dificuldades de sobrevivência desta etnia frente à marginalização social e à degradação ambiental tornaram rara sua ocorrência, substituída de forma provisória pela nominação realizada pelo pai da criança – que sonha o nome – ou pelo rezador da comunidade. Ambos considerados como passíveis de erro.

Dentro do INRC existe o propósito de inventariar as ocorrências culturais para reconhecê-las como Patrimônio Nacional (Imaterial), segundo diferentes livros de registro (Celebrações, Lugares, Edificações, Formas de Expressão e Modos de Fazer). Aos poucos, tornou-se a opção dos *Mbyá* escolher o *Nhemongaraí* como cerimônia a ser transformada em objeto de atenção para toda sociedade brasileira (enquanto Celebração), ingressando no processo para ser proposta enquanto "bem cultural" que precisa da Salvaguarda do Poder Público brasileiro, já que sua realização torna-se cada vez mais difícil.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

--

--

--

--

F20

--

A realização do *Nhemongaraí* é de completa autonomia por parte dos *Mbyá*, cabendo aos parceiros e aliados *juruá* (não indígenas) disponibilizar condições para que ele aconteça. Para tanto, é preciso obter recursos para garantir a infra-estrutura necessária (transporte das famílias *Mbyá* à *Tekoá* em que se realiza o *Nhemongaraí*, alimentação dessas famílias e das famílias da *Tekoá* anfitriã).

Há na literatura antropológica referências a este ritual, ainda que escassas. Graciela Chamorro (Revista Diálogos, vol. 01/02), teve oportunidade de etnografar, em 1998, um ritual de batismo numa aldeia *Mbyá* no sudoeste do Paraná. Neste artigo, a autora descreve os diferentes momentos que compõem a cerimônia de revelação dos nomes das crianças, quais sejam: a dança dos *xondaro* (*xondaro jerojy*); dinâmica no interior da casa de reza em torno a um altar em meio à fumaça do cachimbo sagrado (*nhemboaguyjevete*); massagem com a mão (*jepopixy*); canto acompanhado do violão (*jeroky*); e, por fim, a nomeação propriamente dita, o *Nhemongaraí*. Outros autores clássicos, estudiosos deste grupo étnico, também fazer referência ao *Nhemongaraí*, destacando a importância do sonho e da “palavra sonhada” na concepção da pessoa *Mbyá*.

Respeitando os limites culturalmente impostos pelos *Mbyá*, nossa observação e participação no ritual deu-se nos limites do pátio central, à beira da fogueira, de onde podíamos etnografar a produção dos alimentos (e experimentá-los), fazendo registro fotográfico e, após o sol se pôr, ouvir os cantos, rezas e sons dos instrumentos emanando da *Opy*. Segundo o *Karaí* Agostinho Duarte, esta foi a primeira vez no Rio Grande do Sul, que os *juruá* (não indígenas) colaboraram e participaram de um ritual sagrado como este, ressaltando a demonstração de respeito que tivemos ao não tentar ultrapassar as fronteiras simbólicas impostas pelo grupo.

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Nhemongaraí é fortalecimento da vida, é quando se recebe o nome e com isso se tem saúde. É um espaço espiritual. É *Mbytá*, *eí*, *guembé*, *mbojapé*”.

Palavra de José Cirilo Morinico (agosto de 2006).

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO

8. ATIVIDADE**8.1. PROGRAMAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
<i>Nhemongaraí vae</i>	<i>Karaí</i> Agostinho Duarte que recebe dos deuses, dentro da <i>Opy</i> , a indicação do nome das pessoas <i>Mbyá</i> .
<i>Kyringue</i> (crianças)	Crianças a receberem nome, na faixa do primeiro ano de vida.
<i>Famílias</i>	Famílias que têm algum parente recebendo nome no ritual

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

<i>Xondaro</i>	"Os guardiões", responsáveis pela segurança da Tekoá
----------------	--

Cozinheiras	Mulheres <i>Mbyá</i> responsáveis pela preparação diária dos pratos tradicionais da culinária Guarani
-------------	---

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Por se tratar de uma população indígena, é inadequado utilizar o conceito de capital para tentar traduzir a idéia de dádiva (trocas) implicada no ritual de caráter religioso. A realização do ritual depende de uma concentração de recursos a serem oferecidos pelos visitantes aos anfitriões da Tekoá. No passado, a expedição de deslocamento até a aldeia escolhida para a realização do ritual era dedicada a uma intensa atividade de caça, pesca e coleta, fruto do que se fazia oferendas em troca da acolhida. Hoje, o ritual depende do apoio de não-indígenas para sua realização, servindo o capital para a aquisição de alimentos e para transporte dos Mbyá que já não podem deslocar-se a pé, pelo mato, pois este é escasso no caminho, além do impedimento pelas propriedades privadas.
QUEM PROVÊ	As famílias envolvidas no <i>Nhemongaraí</i> , a família do <i>karaí</i> e instituições de apoio, como foi o caso de nossa participação enquanto equipe do INRC no <i>Nhemongaraí</i> de 2006, na Tekoá Yryapu.
FUNÇÃO	Deslocamento, alimentação, recursos naturais e tradicionais (como a roça de <i>avati etei</i> (milho sagrado)).

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Milho verde sagrado (<i>avati etei</i>) [437]
QUEM PROVÊ	Famílias <i>Mbyá</i> da Tekoá Yryapu
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Produção do mbojapé, utilizado na nominação das meninas e produção de diversos alimentos tradicionais.
DISPONIBILIDADE	Sazonal , de acordo com a maturação do milho verde plantado na primavera.

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
A cerimônia sagrada de nominação e as práticas nela prescritas incluem a elaboração e o consumo ritual de alimentos tradicionais como <i>mbojapé</i> , <i>mbyotá</i> , <i>kaguijy</i> , <i>chipá</i> e o fruto do guembé, pois trazem saúde física e espiritual, coesão social, possibilitando viver de acordo com o modo tradicional de ser <i>Mbyá</i> (<i>Ñande rekó</i>).	
DESCRIÇÃO	<i>Mbyotá</i> [436];[440] – grande bolo de milho verde, enrolado na palha do milho e assado na brasa.
QUEM PROVÊ	O milho verde é retirado da roça das famílias da própria aldeia e as mulheres participantes do <i>Nhemongaraí</i> o preparam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A alimentação tradicional é fonte de saúde espiritual e material, de força e proteção.

DESCRIÇÃO	<i>Mbojapé</i> [421] – pequeno bolo de milho verde ou de farinha de milho assado na brasa
QUEM PROVÊ	O milho verde é retirado da roça das famílias da própria aldeia e as mulheres participantes do <i>Nhemongaraí</i> o preparam.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O <i>mbojapé</i> é ingerido pelos Mbyá durante o ritual de nomeação, depois de passar uma noite na <i>Opy</i> recebendo força espiritual, para dar nome às meninas.
-----------------------------	---

DESCRIÇÃO	<i>Avati cui</i> [758] – milho seco debulhado e cozido na panela com cinza (mais tradicional) ou com óleo e depois socado no <i>mbaexoá</i> (pilão).
QUEM PROVÊ	O milho verde é retirado da roça das famílias da própria aldeia e as mulheres participantes do <i>Nhemongaraí</i> o preparam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação tradicional é fonte de saúde espiritual e material, de força e proteção.

DESCRIÇÃO	<i>Kaguijy</i> [444];[445] – Bebida fermentada elaborada com a massa do mbojapé cozido na água com milho debulhado.
QUEM PROVÊ	O milho verde é retirado da roça das famílias da própria aldeia e as mulheres participantes do <i>Nhemongaraí</i> o preparam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação tradicional é fonte de saúde espiritual e material, de força e proteção.

DESCRIÇÃO	<i>Avati cui manduvi reveguá</i> – Milho socado com amendoim socado
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	OBS – Este alimento não foi produzido neste <i>Nhemongaraí</i> , mas foi registrado por ter aparecido nos relatos dos Mbyá sobre sua <i>tembiú</i> (comida). Alimentação tradicional é fonte de saúde espiritual e material, de força e proteção.

DESCRIÇÃO	<i>Chipá</i> [417];[422];[432];[451] – Bolinho em forma de disco elaborado com farinha de milho ou trigo frito no óleo.
QUEM PROVÊ	Equipe do INRC/IPHAN
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	OBS – Este alimento não foi produzido neste <i>Nhemongaraí</i> , mas foi registrado por ter aparecido nos relatos dos Mbyá sobre sua <i>tembiú</i> (comida). Alimentação tradicional é fonte de saúde espiritual e material, de força e proteção.

DESCRIÇÃO	Fruto do <i>guembé</i> [483];[484];[485] -
QUEM PROVÊ	A natureza, entendida enquanto dádiva divina.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O fruto do guembé é ingerido pelos Mbyá durante o ritual de nomeação, depois de passar uma noite na <i>Opy</i> recebendo força espiritual, para dar nome aos meninos.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	<i>Tataypy</i> [431];[446] - fogueira
QUEM PROVÊ	Os homens mantêm uma reserva de lenha ao lado da fogueira, esta não se apagando nunca.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O fogo tem importância central na cosmologia Mbyá, refletindo-se de forma evidente em seu cotidiano. A ele está associado a <i>tataxi</i> (fumaça) que possui, entre outras coisas, poder terapêutico espiritual e físico. Além disso, é a chama vital para a elaboração dos alimentos rituais.
-----------------------------	---

Descrição	Petyngué
QUEM PROVÊ	Determinados artesãos especialistas
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É através da fumaça do cachimbo sagrado que o Karaí acessa a dimensão espiritual e comunica-se com os deuses, recebendo inspiração divina para, pelo caminho das belas palavras, nominar as crianças.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Não há uso de trajes específicos para a participação no Nhemongaraí. Porém, observou-se que as mulheres, principalmente, demonstravam uma atenção especial ao que vestiam nos dias do ritual, apresentando-se sempre cuidadosamente trajadas e adornadas com colares, pulseiras, anéis e brincos.
QUEM PROVÊ	Os adornos corporais são produzidos pelos próprios artesãos da comunidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Função estética e cosmológica (no caso dos adornos corporais Mbyá-Guarani)

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Jerojy
QUEM EXECUTA	A comunidade Mbya-Guarani.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Dança realizada no interior da opy e pelos grupos de música e dança. Na <i>jerojy</i> , homens e mulheres dançam separados em duas fileiras.. Reproduzem um movimento semelhante à caminhada, cada gênero ao seu modo (ver croquis e Anexo 2: Registros Audiovisuais).

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Porahei, cantos-oracões sagrados realizados dentro da opy.
QUEM PROVÊ	Karaí e comunidade Mbya-Guarani.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Media a comunicação da comunidade com entidades sobrenaturais. Para os Mbyá, toda música sagrada é uma oração. Porahei é uma expressão verbal extremamente sagrada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Mbaepu, instrumentos musicais Mbyá-Guarani (em geral)
QUEM PROVÊ	As narrativas sobre as práticas musicais na Tekoá Koenju demonstraram a dificuldade atualmente enfrentada na busca do material tradicionalmente utilizado pelos Mbyá na confecção de instrumentos musicais diversos. A escassez... Dificuldades na construção de instrumentos no modo tradicional: afirma-se que no presente, existem construtores em aldeias em Misiones, na Argentina, e no Paraguai, onde há mais mata – caso dos membranofones, da ravé e do mbaepu.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Chamar a atenção dos deuses, comunicar-se com eles. Os instrumentos musicais Mbyá são considerados sagrados, pois é através deles que os Mbyá chamam a atenção dos deuses. Alguns deles somente podem ser escutados na opy e a sua sonoridade não costuma ser experimentada pelos não-índios, assim como não o foi pela equipe deste Inventário, são objetos de reserva, segredo, como grande parte do universo musical Mbyá, de cunho altamente religioso. Na Tekoá Koenju, este é o caso do popyguá e do takuapu e de outros exemplares de instrumentos guardados no interior da opy. Os instrumentos musicais Mbyá são localizados especificamente na aldeia, apenas chegando à cidade quando há apresentações do coral ou em situação de comercialização de suas réplicas (mbaepu miri, mimbyretá).

DESCRIÇÃO	Ravé, instrumento de cordas semelhante à rabeca e ao violino.
QUEM PROVÊ	Na Tekoá Koenju existem dois exemplares deste instrumento. Ambos foram doados por instituições do Estado Nacional (como o MinC – Ministério da Cultura, quando da entrega da medalha de Honra ao Mérito Cultural, em Brasília/ DF e o SEBRAE) e estão sob posse do cacique Floriano. Os instrumentos doados eram, em realidade, violinos, os quais foram modificados e adaptados ao modo da etoria musical Mbyá, conforme descrição acima. É rara, no presente, a produção de ravé artesanalmente, pelos próprios Mbyá. A ravé é confeccionada, no presente, pelos velhos de aldeias no Paraguai. Eles afirmam que na opy o modo de se tocar rave é diferente. Aprendeu a tocar com o avô (?)Depois Felix afirma que é feita de cedro/ yary ou canzarana (em castelhano)/ yvyra miri. A afinação da ravé da opy é mais baixa, acompanhando a afinação do mbaepu, conforme informação dada por Floriano.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A ravé distingue-se por possuir três cordas afinadas em terças, que combinadas formam um acorde. A técnica de interpretação da ravé é mais próxima da rabeca que do violino, pois apóia-se o instrumento na altura do peito. As madeiras tradicionalmente utilizadas na confecção da ravé são yary (cedro) ou yvyra miri (canzarana, em espanhol) ou guajuvira, também empregada como uma das matérias-primas do arco, junto à crina de cavalo (substituída quando preciso por cabelos de mulher ou linhas de algodão). Em algumas aldeias Mbyá-Guarani, como é o caso da Tekoá Koenju, a ravé é criada a partir da modificação de certas características de um violino. Troca-se o cavalete “original” por um artesanal, que cumpre a função de centralizar as três cordas da ravé. As cravelhas são algumas vezes também substituídas por peças artesanais. As cordas usadas na ravé são de linha de pesca. As duas ravés existentes na Tekoá Koenju pertencem a Floriano e ficam guardadas em sua casa. Floriano usa breu – comprado a quilo- resina que se passa no arco para intensificar o atrito com a corda e, portanto, a produção sonora. A execução da ravé é considerada difícil. Na Tekoá Koenju, Cristino, Félix, Floriano, Hipólito e Mariano sabem, fazê-lo. A ravé é empregada na jerojy do Coral e na jerojy ritual da opy. Afirma-se que na opy o modo de se tocar ravé é diferente e é importante que, para o uso ritual da ravé na jerojy dentro da opy, é preferencial que a ravé seja feita de madeira do mato. A ravé costuma ser utilizada na execução da música para o Tangará, ou Dança do Xondaro e no acompanhamento instrumental do Coral. Considerado por muitos o instrumento de mais difícil execução. Na Tekoá Koenju, sabem manusear a ravé Cristino, Félix, Floriano e Hipólito (toca ravé no coral atualmente).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

DESCRIÇÃO	Popygua, instrumento de percussão constituído de duas varetas de cerne de guajuvira, presas por um cordão e cuja sonoridade é obtida ao bater-se uma contra a outra.
QUEM PROVÊ	A mata e a mão de obra Mbyá.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A palavra popygua significa pegar (popy = palma da mão, aperto de mão, etc.; gua = remete a guardar, portar algo). Serve para espantar e manter os espíritos maus na mata, guardados longe do espaço da aldeia – pois com o seu som, o espírito é afastado, não enxerga, enconde-se no mato.

DESCRIÇÃO	takuapu, Bastão de ritmo.
QUEM PROVÊ	Mata e mão de obra Mbyá.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Feito de <i>takuara</i> , sua execução consiste em batê-lo contra o chão. Produz som grave. Instrumento musical das mulheres, só é utilizado ritualmente..

DESCRIÇÃO	Mbaepu, instrumento de corda Mbyá-Guarani semelhante ao violão – freqüentemente assim confundido pelo público com este –, apresentado como o “violão Mbyá”. Na Tekoá Koenju, o violão é chamado de mbaraka – ou <i>mbaepu pytá</i> (violão vermelho, relativo à madeira do cedro dos quais eram feitos). Existem variações quanto a esta terminologia entre as diferentes aldeias Mbyá-Guarani. Em muitas delas, mbaraka é como se chama o tipo diferenciado de violão Mbyá (aqui chamado de mbaepu, que por sua vez, em outras aldeias, serve para designar os instrumentos musicais em geral). Diferencia-se do mbaraka, possui 5 cordas, enquanto este possui 6. As cordas, geralmente, são linhas de pesca feitas de nylon, sendo dispensadas para o mbaepu as cordas de aço do violão/ mbaraká. Uma das cordas é feita com dois pedaços de fio enrolados. Na aldeia, pude identificar a existência de cinco mbaepu, sendo o instrumento mais difundido: na casa de Floriano, empregado nas atividades do Coral; na casa do professor Mariano; de Osvaldo Paredes; na casa de Bonifácio e, há, provavelmente, mais um que permanece guardado dentro da opy. Além do próprio fato de ser reservado apenas para os rituais Mbyá e ser mantido dentro do espaço sagrado da opy, o mbaepu se distingue pela ausência de tinta ou verniz sobre a madeira, prática originária dos antigos. Há preferência pelo cedro como matéria prima para o instrumento. Cerne de guajuvira e o timbaú são também apontados como bons para a construção do mbaepu.
QUEM PROVÊ	Mata e mão de obra Mbyá ou compra de instrumentos de fábrica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	distingue-se pela ausência de tinta ou verniz sobre a madeira, prática originária dos antigos. Há preferência pelo cedro como matéria prima para o instrumento (mbaepu pyntá). A madeira de Timbaú é também apontada como boa para a construção do mbaepu. Mariano aponta o cerne de guajuvira como o único material para a construção do mbaepu. Mbaepu pode ser traduzida literalmente como “coisa que faz barulho”, pois <i>mba</i> = coisa e <i>pu</i> = som (contração de <i>yapu</i>). O mbaepu é o instrumento que o karaí toca na opy. Em rituais de cura, toca para o paciente: quando termina o trabalho com o doente, toca dança e canta. Os demais executantes musicais rituais são considerados “acompanhantes” do karaí, que é o principal. O “mbaepu do karaí”, aquele que fica guardado na opy, seria “um pouco diferente” dos demais. Floriano informou que possui a “afinação mais baixa”, isto é, a altura do som das cordas é mais grave (e, da mesma forma, a altura da afinação da ravé na opy seria mais baixa). Na fase de identificação do bem, o mbaepu era executado no coral por Floriano Romeu ou por Alcides. É o instrumento harmônico – cumpre também função percussiva - sobre o qual se apóiam as vozes e a ravé.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

--

--

--

--

F20

--

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Famílias visitantes	Deslocamento das famílias Mbyá de outras <i>Tekoá</i> para suas casas

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Não há público, pois trata-se de uma celebração exclusiva dos Mbyá-Guarani. Esta é uma das principais características do ritual.

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO					
Edificação <i>Opy</i> (casa de reza)	Anexo de bens culturais: A3.6 Nº 02					
Lugar <i>Tekoá Yryapu</i>	Anexo de bens culturais: A3.6 Nº 04					
Forma de Expressão Jerojy (música e dança Mbyá-Guarani)	Anexo de bens culturais: A3.02 Nº 02					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	02	06	F40	01

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver Croqui 3 anexo à Ficha de Localidade Terra Indígena Capivari.

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
CHAMORRO, Cândida Graciela Argüello. "O rito de nomeação numa aldeia Mbyá-Guarani do Paraná". In: Revista Diálogos – DHI – UEM. (www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01).
TEMPASS, Martín César. "Orerémbiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani". Porto Alegre, Dissertação (mestrado em Antropologia Social), PPGAS UFRGS, 2005.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Não foram feitos registros sonoros nem audiovisuais durante a celebração do <i>Nhemongaraí</i> .

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
--	----	----	----	----	------------	----

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2: Registros Audiovisuais – 1. Fotografias e artes visuais n°s:

287; 288; 289; 290; 291; 292; 293; 294; 295; 296; 297; 298; 299; 417; 418; 420; 421; 422; 423; 424; 425; 426; 427; 428; 429; 430; 431; 432; 433; 434; 435; 436; 437; 438; 439; 440; 441; 443; 444; 445; 446; 449; 450; 451; 452; 453; 454; 455; 456; 462; 463; 464; 465; 466; 467; 468; 469; 470; 471; 472; 473; 474; 475; 478; 480; 481; 482; 483; 484; 485; 486; 488; 492; 499; 758; 759; 760.

13. OBSERVAÇÕES**13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Deve-se salvaguardar a mata e permitir o livre acesso aos Mbyá-Guarani para que possam reproduzir o *nhande rekó*, pois acessando os bens naturais necessários a ele, os Mbyá podem viver de modo ancestral, no qual a realização anual do ritual de nomeação ocupa posição central.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Embora a identificação da *Opy* enquanto edificação exigisse um melhor detalhamento das técnicas construtivas e dos processos de obtenção e de preparo das matérias-primas utilizadas, o respeito à dimensão do mistério impôs limite ao aprofundamento do Inventário nesses aspectos, o que deve ser respeitado também no futuro. Desta forma, faz-se necessário realizar o reconhecimento das *Opy* enquanto Bem Cultural brasileiro, sem que para isso se imponha a realização de tal detalhamento, ainda mais considerando sua importância enquanto espaço central na religiosidade Mbyá, que eles preservam frente nossas curiosidade.

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

A presente ficha apresenta poucas informações, em coerência ao pedido de segredo dos Mbyá em relação aos aspectos mais espirituais de sua cultura.

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Não foram utilizados questionários e os dados foram obtidos através de observação participante – técnica antropológica de coleta de informações – e conversas informais no convívio com os Mbyá-guarani (além da pesquisa bibliográfica).		
PESQUISADOR(ES)	Adrián Campana, Carlos de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto de Souza, Mônica Arnt		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	Daniele de Menezes Pires José Otávio Catafesto de Souza		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--
-------------------------------------	----	----	----	----	-----	----